

**A (DES)CONSTRUÇÃO DO CRIME PASSIONAL DA FICÇÃO À
REALIDADE: AS VOZES DIALÓGICAS ENTRE LITERATURA E
JORNALISMO**

Devalcir Leonardo (UEM)

Ângela da Silva Leonardo (UTFRP)

RESUMO: Este artigo tem objetivo de propor uma leitura sobre a questão do crime passional nos gêneros textuais literários e jornalísticos. Para fundamentar essa leitura as bases teóricas serão as discussões de BAKHTIN/VOLOCHÍNOV (2010) e ORLANDI (2008), dentre outros. Buscar-se-á fazer um levantamento das concepções de linguagem e das perspectivas de leitura que perpassam as salas de aula. A partir desses suportes serão analisados três gêneros textuais que discutem a mesma temática, mas que fazem parte de momentos históricos distintos, estabelecendo uma relação entre os textos, bem como salientar as diferentes construções linguísticas apresentadas em cada gênero (poema, conto, notícia). É nas relações sociais e na interação verbal que o homem se constitui como sujeito, e é através do discurso materializado nos diversos gêneros textuais que a palavra significa e ressignifica. Nesse sentido, potencializar trabalhos vinculados com as discussões sociais, políticas, ideológicas, proporcionando um suporte crítico que superem os limites da sala de aula em um processo permanente de envolvimento com a sociedade será uma das saídas que fortalecerá o trabalho de leitura.

PALAVRAS-CHAVE: Leitura. Discurso. Sentidos. Dialogismo.

ABSTRACT: This article has aimed to propose a reading on the issue of crime of passion in literary and journalistic genres. To support this reading the theoretical bases will be discussions of Bakhtin / Voloshinov (2010) and ORLANDI (2008), among others. Will seek up-to survey the concepts of language and reading perspectives that permeate the classrooms. From these brackets will be analyzed three kinds of texts that discuss the same topic, although they are part of distinct historical moments, establishing a relationship between the texts and point out the different language constructs presented in each genre (poem, short story, News). It is in social relations and in verbal interaction that man is constituted as a subject, and it is through speech embodied in the various genres that word means and significance to. In this sense, enhance work related discussions with social, political, ideological, providing critical support exceeding the limits of the classroom in an ongoing process of engagement with society will be one of the solutions that will strengthen the work of reading.

KEYWORDS: Reading. Discourse. Meanings. Dialogism.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo tem objetivo de propor uma leitura sobre a questão do crime passional nos gêneros textuais literários e jornalísticos. Para fundamentar essa leitura as bases teóricas serão as discussões de BAKHTIN/VOLOCHÍNOV (2010) e ORLANDI (2008), dentre outros.

Para as Diretrizes Curriculares em Língua Portuguesa (PARANÁ, 2008) a leitura é um ato dialógico, que envolve demandas sociais, históricas, políticas, econômicas, pedagógicas e ideológicas de determinado momento. Ao ler, o indivíduo busca as suas experiências, os seus conhecimentos prévios, a sua formação familiar, religiosa, cultural, enfim, as várias vozes que o constituem. A leitura, portanto, assume um papel essencial para o desenvolvimento humano, e para a construção de leitores críticos e conscientes do seu papel enquanto sujeitos de uma transformação social, como preconiza os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) (BRASIL, 1997, p. 41) “formar cidadãos capazes de compreender os diferentes textos”, assim sejam capazes de mudar a situação atual dessa sociedade marcada por alto índice de analfabetos funcionais que se autoafirma na manutenção de práticas preconceituosas, como o machismo, que se perpetua na cultura e na história brasileira. Portanto, formar leitores críticos implica em um posicionamento diante de temas polêmicos tanto da escola, dos docentes e discentes.

▪ Nessa perspectiva, o ensino da leitura deve ser compreendido como um processo, pois os sentidos serão estabelecidos a partir das condições de produções de determinado gênero e da história de leitura dos estudantes. Nesse sentido, a escolha do gênero quanto a temática o crime passionai, está relacionado um mais, outro menos as experiências de leituras vivenciadas pelos alunos.

Os trabalhos de leitura devem pautar a vida docente, pois a junção da teoria e da prática apontam caminhos para superar as estatísticas que classificam o Brasil como um dos países que menos se desenvolve no campo da leitura, como se observa na pesquisa do INSTITUTO PRÓ-LIVRO (2015), quando revela que 44% da população brasileira são consideradas não leitoras. Diante disto, potencializar trabalhos vinculados com as discussões sociais, políticas e ideológicas de leitura, proporcionando aos docentes que superem os limites da sala de aula em um processo permanente de envolvimento com a sociedade será uma das saídas que fortalecerá o trabalho da leitura na formação crítica de novos leitores.

Para iniciar as discussões, serão apresentadas, num primeiro momento, as concepções de linguagem e as perspectivas teóricas de leitura. A partir dessas discussões, e tendo como base a concepção discursiva, e o sociointeracionismo, buscar-se-á apresentar uma análise de três gêneros textuais que discutem a mesma temática, mas que fazem parte de momentos

históricos diferentes, também será analisado a relação dialógica, e as diferentes construções linguísticas apresentadas em cada gênero.

Portanto, discutir a temática do crime passionai, ainda se torna fundamental para superar a tragédia brasileira anunciada nos diversos meios de comunicação. Assim, este artigo visa problematizar a questão do crime passionai nos gêneros textuais literários e jornalísticos identificando relações ideológicas na materialidade da palavra como afirma Bakhtin (2010, p. 36) “A palavra é o modo mais puro e sensível de relação social”.

2 AS CONCEPÇÕES DE LINGUAGEM E AS PERSPECTIVAS DE LEITURA

As diferentes concepções que perpassam o ensino de leitura no Brasil ainda estão presentes no cotidiano escolar. Conheçê-las permite ao professor identificar qual conceito está sendo abordado em uma determinada situação de ensino. Nesse sentido, será abordado um resumo das quatro perspectivas de leitura: a perspectiva do texto; a perspectiva do leitor, a perspectiva interacionista e a perspectiva discursiva.

A história da leitura está interligada com as teorias linguísticas. Desse modo, na linguística estruturalista, a leitura era pensada como decodificação. Nesta, o leitor processa as informações do texto por uma forma ascendente “*bottom up*”, ou seja, faz uma transposição das letras em sons, de forma sequencial e hierárquica passando pelas letras, palavras e frases, o que o leva a uma compreensão do todo (SOLÉ, 1998, p. 23).

Na perspectiva do leitor, a leitura é um processo de interação que “vai do leitor ao texto”, para essa tendência o sentido é construído de modo descendente, o leitor usa o conhecimento adquirido e seus recursos cognitivos para estabelecer antecipações sobre o conteúdo do texto, sendo que quanto mais informação possuir um leitor sobre o texto que vai ler, menos precisará “fixar” nele para construir uma interpretação. Nesse sentido, ler significa, segundo SOLÉ (1998) atribuir significados ao texto, ou seja, depende do leitor a capacidade de compreender o que está escrito, porque cada leitor tem conhecimento prévio diferente, o que vai influenciar na compreensão do texto.

Na perspectiva interacionista, a leitura não está centrada nem no texto, nem no leitor, mas há uma “inter-relação” entre esses aspectos, sendo assim ler é um processo que vai do texto impresso as informações adquiridas pelo leitor ao longo de sua vida. Segundo

KLEIMAN (1995), o sentido do texto é construído pelo leitor através da interação de diversos níveis de conhecimento, como o conhecimento linguístico, o textual e o do mundo.

O conhecimento linguístico é aquele conhecimento implícito, não verbalizado, nem verbalizável na grande maioria das vezes, que faz com que as pessoas de um determinado grupo se reconheçam como falantes nativos. Ele abrange desde o conhecimento de como pronunciar português, passando pelo conhecimento do vocabulário e regras da língua, chegando ao conhecimento sobre o uso da língua.

O conhecimento textual está relacionado com a tipologia de texto: narrativo, descritivo, dissertativo etc. Quanto mais conhecimento textual o leitor tiver, quanto maior sua expressão a todo tipo de texto, mais fácil será sua compreensão dos textos lidos.

O conhecimento do mundo ou conhecimento enciclopédico pode ser adquirido formalmente (na escola), ou informalmente (no trabalho, na igreja, no sindicato etc). Ele abrange desde o domínio que um físico tem sobre sua especialidade até o conhecimento de fatos comuns como, por exemplo, “o gato é um mamífero”, “A Angola está na África”.

Segundo KLEIMAN (1995), esses conhecimentos adquiridos ao longo da vida pelos leitores são armazenados na memória de longo prazo e no momento da leitura são ativados para construção do significado do texto. Assim, o ato de ler não pode ser visto como atividade passiva, pela qual o leitor depende apenas das informações contidas no texto, tendo em vista que muitos referentes não estão no texto, são referentes extralinguísticos e a sua recuperação depende do conhecimento de mundo ou enciclopédico do leitor. A crítica apresentada nessas perspectivas é que o sentido está atribuído ora ao texto, ora ao leitor sem considerar a materialidade discursiva e social da língua.

Outra perspectiva que condiz com a proposta que será apresentada é defendida por DELL'ISOLA (2000). A autora ressalta que o ato de ler está dividido em três enfoques: Leitura como habilidade fundante do ser humano, tendo a leitura como habilidade que inaugura o indivíduo como ser humano; a leitura como prática social, pois, o leitor se constrói no contexto social, revelando assim sua individualidade, suas características psicológicas e socioculturais; o terceiro compreende a leitura como ato de coprodução textual, na qual o leitor passa a se posicionar criticamente frente ao texto. Nesse sentido, o leitor deixa de ser apenas coadjuvante para se tornar o sujeito que estabelece diferentes sentidos a partir das suas experiências com diferentes textos e em diferentes situações de linguagem.

2.2 A leitura na perspectiva discursiva

A leitura assume um caráter sócio-histórico, pois é a partir das relações sociais e históricas que o homem se constitui como sujeito (ORLANDI, 2008). Nesse sentido, o texto deixa de ser apenas um texto e se torna um material carregado de discurso, sendo que para a Análise de Discurso (AD), o texto é o objeto onde os discursos se materializam.

A AD ganha força no final dos anos 60 tendo como precursor Michel Pêcheux. Essa teoria defende que pensar o ato de ler não é apenas sugar do texto o sentido estabelecido pelo autor, mas sim buscar compreender a partir das condições de produção, como esse texto se ressignifica, pois para essa concepção não há um único sentido, sendo que é preciso compreender a leitura como “atribuição de sentidos”. Neste aspecto, ela pode ser entendida tanto para a leitura escrita quanto para a leitura oral, ou seja, abre possibilidades tanto para leituras da linguagem cotidiana, quanto para a de textos mais complexos (ORLANDI, 2008, p. 07).

Para ORLANDI (2008), a leitura é um processo, por isso a necessidade de levar em consideração as condições de produção, pois os sentidos não estão somente no texto, mas também nas condições com que ele foi produzido, ou seja, nos sujeitos (leitor-autor-texto), o contexto imediato e o contexto-sócio-histórico-ideológico. Sendo assim, o processo de compreensão do texto passa essencialmente pelas circunstâncias de sua produção, pois estas estão carregadas de sentidos.

[...] não vemos ou não lemos o que queremos (de forma independente) a qualquer momento e em qualquer lugar, assim como não podemos dizer ou fazer o que quisermos em qualquer lugar e a qualquer momento: há regras, leis do momento que autorizam a produção de certos sentidos e não de outros (CORACINI, 2005, p. 27).

Assim, o que vai possibilitar determinados sentidos e não outros é o contexto sócio-histórico a que o texto está inserido e não o texto em si. Isso significa que as leituras de determinados textos só serão possíveis no momento histórico estabelecido, fora desse contexto os sentidos não serão preenchidos.

A compreensão de texto para a AD não se configura como uma unidade fechada passível de ser analisada, mas corresponde a um processo histórico embrenhado de discursos, *Linguagens & Cidadania*, v. 19, jan./dez., 2017.

pois o texto é uma unidade de sentido em relação à determinada situação significativa. Ler, nessa perspectiva, não é mais “perseguir a unidade ilusória do texto, mas de amarrotá-lo, recortá-lo, pulverizá-lo, distribuí-lo segundo critérios que escapam ao nosso consciente, critérios construídos por nossa subjetividade, que produz incessantemente a si mesma” (CORACINI, 2005, p. 25).

A compreensão textual perpassa o campo lexical e gramatical, o significado ocorrerá de fato se for analisado a partir de um momento histórico determinado, pois os sentidos estabelecidos hoje pode não ter os mesmos sentidos no futuro. Um exemplo é o poema “A noite dissolve os homens” de Carlos Drummond de Andrade. Ao se fazer uma análise a partir do seu momento histórico, possibilita-se uma leitura sobre os horrores da guerra.

A noite desceu. Que noite!
Já não enxergo meus irmãos.
E nem tão pouco os rumores que outrora me perturbavam.

A noite desceu. Nas casas, nas ruas onde se combate,
nos campos desfalecidos, a noite espalhou o medo e a total incompreensão.
A noite caiu. Tremenda, sem esperança...
Os suspiros acusam a presença negra que paralisa os guerreiros.

E o amor não abre caminho na noite.
A noite é mortal, completa, sem reticências,
a noite dissolve os homens, diz que é inútil sofrer,
a noite dissolve as pátrias, apagou os almirantes cintilantes!
nas suas fardas (DRUMMOND, 2012, p. 39).

As condições de produção do poema e as formas discursivas presentes nos enunciados são fundamentais para a compreensão global do texto. Isso porque além dos elementos linguísticos, há os discursos ideológicos necessários para estabelecer as relações de sentido entre os sujeitos do discurso.

Ora, todo discurso já traz em si a definição – mais, ou menos, precisa – de lugares ou de posições subjetivas a serem ocupadas por este ou aquele indivíduo, segundo as relações políticas e sociais e, portanto, ideológicas admitidas e construídas num dado momento histórico-social, num dado discurso – sempre em formação –, determinantes da(s) verdade(s) a ser (em) assumida (s). É claro que essas posições podem sofrer modificações, mas jamais repentinas: muitas vezes, passam imperceptíveis, até que algum acontecimento as evidencie (CORACINI, 2005, p. 30).

Para ORLANDI (2008), as condições de produção estão relacionadas com a memória discursiva, ou seja, são os sentidos que foram produzidos anteriormente em um dado contexto histórico e que são sempre retomadas por alguém, em uma determinada situação, trazendo novos significados. Assim, é possível afirmar que o discurso é formado pela relação dialógica com outros discursos. O que pode ser dito e o que não pode é estabelecido pelo momento do enunciado a partir de uma formação discursiva.

No poema de Drummond a palavra “noite” pode ser entendida como metáfora de guerra porque as formações discursivas determinam esse efeito de sentido. ORLANDI (2008) apresenta ainda que há “história de leituras” ou história de leitores, sendo que o leitor pode atribuir sentidos diferentes para o mesmo texto em um contexto histórico diferente, ou ainda, o mesmo texto atribuir sentidos diferentes para leitores diferentes, em diferentes contextos e diferentes épocas. A partir desses elementos, a autora ressalta que a leitura “não é uma questão de tudo ou nada, ela é um processo histórico, de questão de natureza, de condições, de modo de relação de trabalho, de produção de sentidos, de historicidade” (ORLANDI, 2008, p. 09).

Portanto, a leitura só se torna significativa quando se leva em consideração os sujeitos envolvidos leitor-autor. Esses sujeitos estão inseridos em um contexto histórico-ideológico e, dependendo da história de leitura de cada um, dependerão também os sentidos atribuídos por eles. Isso não significa que vale todo e qualquer sentido, pois os sentidos são determinados a partir das formações discursivas.

3 UMA ARENA DISCURSIVA NA (DES) CONSTRUÇÃO DO CRIME PASSIONAL: A LITERATURA COMO CAMPO DE BATALHA

O trabalho de leitura deve considerar a vivência histórica dos sujeitos leitores, que estão inseridos em grupos sociais bastante distintos, seja pelo trabalho ou em suas comunidades, sendo muitos deles representantes de bairros, líderes sindicais, líderes nas igrejas, pessoas ativas e que constroem conhecimentos. Como afirma Álvaro Vieira Pinto, (1982), o estudante é um sujeito atuante na sociedade, que produz e constrói conhecimentos. Portanto, a proposta de leitura que será apresentada vem ao encontro desse público, uma vez que suas relações sociais se constituem numa sociedade marcada por discursos ideológicos

que valorizam a formação da família patriarcal, e penalizam as vozes feministas que lutam por igualdade de condições.

Nessa perspectiva, o ensino da leitura deve ser compreendido como um processo, pois os sentidos serão estabelecidos a partir das condições de produções de determinado gênero e da história de leitura dos estudantes. Nesse sentido, as escolhas dos gêneros literários e jornalísticos, quanto a temática o crime passionnal, estão relacionados, um mais, outro menos, nas experiências de leituras vivenciadas pelos alunos, e que faz parte da vida de muitas pessoas na sociedade atual.

Os textos selecionados para proposição de algumas aulas no PROEJA, serão analisados tendo como referencial teórico a perspectiva discursiva de leitura, bem como a concepção sociointeracionista, sendo que a primeira possibilitará compreender as condições de produção e a materialidade discursiva apresentada nos textos, e a segunda analisar os gêneros propostos como um instrumento para a competência comunicativa e de produção de textos orais e escritos.

Os gêneros propostos para a análise possuem a mesma temática, sendo essa escolha proposital, pois o objetivo é perceber como o assunto é apresentado e desenvolvido nos diferentes textos. Buscar-se-á estabelecer uma relação entre os textos, bem como salientar as diferentes construções linguísticas apresentadas em cada gênero (poema, conto, notícia). Para alcançar uma leitura crítica dos textos serão analisados observando os discursos ideológicos presentes, e as vozes que os constituem.

[...] na composição de quase todo enunciado do homem social – desde a curta réplica do diálogo familiar até as grandes obras verbal-ideológicas (literárias, científicas e outras) existe, numa forma aberta ou velada, uma parte considerável de palavras significativas de outrem, transmitida por um ou outro processo (BAKHTIN, 1988, p. 153).

Ao lançar um olhar ao texto em análise, o poema *Tragédia brasileira*, escrito em 1933 de Manuel Bandeira, verifica-se em um primeiro momento um discurso ideológico que caracteriza os personagens. “Misael, funcionário da Fazenda, com 63 anos de idade, - Maria Elvira, prostituída, com sífilis, dermite nos dedos, uma aliança empenhada e os dentes em petição de miséria” (BANDEIRA, 1971, p. 115). A escolha dos enunciados e a estrutura semântica abrem um leque de possibilidades de sentidos que podem ser compreendidos por

meio dos conceitos da forma aberta ou velada, ou do que está dito e o que não está dito, mas está significando pelas formações discursivas presentes no texto.

Assim, as formações discursivas permitem algumas hipóteses, pressupõe-se que um homem de 63 anos tenha família, mulher e filhos. Em contrapartida a prostituída apresenta apenas características físicas como a doença (sífilis) e morais (mulher sem escrúpulos). Em uma sociedade marcada pela imposição da dominação masculina, segundo Bourdieu (2012), a voz do eu poético apresenta um discurso ideológico de um contexto histórico, na qual, ironicamente, a posição de submissão e desvalorização da mulher aparece para reafirmar esse discurso. Neste sentido Bakhtin (1998) afirma que

a língua não é um sistema abstrato de formas normativas, porém uma opinião plurilíngue concreta sobre o mundo. Todas as palavras evocam uma profissão, um gênero, uma tendência, um partido, uma obra determinada, uma pessoa definida, uma geração, uma idade, um dia, uma hora. Cada palavra evoca um contexto ou contextos, nos quais ela viveu sua vida socialmente tensa; as palavras e formas são povoadas de intenções. Nela são inevitáveis as harmonias contextuais (de gêneros, de orientações, de indivíduos) (BAKHTIN, 1988, p. 100).

A relação de sentido e de intencionalidade discursiva está representada pela descrição contraditória do eu poético, isso é comprovado na análise dos campos lexicais, a contradição é reforçada pelo uso sistemático da vírgula que enumera e marca a oposição de personalidade dos personagens:

Misael, funcionário da Fazenda, com 63 anos de idade, - Maria Elvira, prostituída, com sífilis, dermite nos dedos, uma aliança empenhada e os dentes em petição de miséria.
Misael tirou Maria Elvira da vida, instalou-a num sobrado no Estácio, pagou médico, dentista, manicura... Dava tudo o que ela queria.
Quando Maria Elvira se apanhou de boca bonita, arranjou logo um namorado (BANDEIRA, 1971, p. 115).

Analisando as condições discursivas do poema e os recursos linguísticos, a vírgula demarca Misael como homem bom e generoso em contraposição a Maria Elvira – sem vergonha, prostituta, aproveitadora.

A partir, dessas reflexões, pode perceber que o contexto de produção torna-se um recurso importante para produção de sentidos, pois como afirma Bakhtin (1988) às palavras marcam um contexto ou contextos porque são carregadas de intenções. Do mesmo modo os

recursos linguísticos presentes nas formações discursivas podem desempenhar função essencial para a compreensão do poema.

A teoria da enunciação de Bakhtin, afirma que todo enunciado é retomado e ressignificado, nesse sentido, é possível perceber o diálogo entre os textos propostos *Tragédia brasileira* e o conto de Dalton Trevisan, *Senhor meu Marido* (1969). Ambos apresentam a temática do adultério, no entanto, a visão do narrador do conto “Senhor meu marido” para com os personagens é diferente do texto “Tragédia brasileira”, pois há uma inversão de valores que são materializados no discurso do narrador, a mulher assume um papel que não lhe era permitida no contexto histórico no qual foi produzido o poema “Tragédia brasileira”. O mesmo acontece com o homem que passa de controlador e possuidor da mulher num determinado momento histórico para um papel de submissão, do homem para com a mulher.

[...] Maria chegava abraçada a outro homem, despedia-se com beijo na boca. Investiu furioso, correu o amante. De joelho a mulher anunciou o fruto do ventre. João era bom, era manso e Maria era única, para ele não havia outra: mudaram-se do Juvevê para o Boqueirão, onde nasceu a terceira filha. Chamavam-se novas Marias: da Luz, das Dorés, da Graça. Com tantas Marias confiava João que a dona se emendasse. Não foi que a encontrou de quimono atirando beijos para um sargento de polícia? (TREVISAN, 2004, p. 37).

A descrição do narrador demarca essa inversão e propõe um debate que até hoje é motivo de controvérsia, pois a mulher ao assumir um papel que por “direito” é destinado à classe masculina põe em choque os valores ideológicos da sociedade burguesa excludente. Valores esses demarcados no poema na voz do narrador ao afirmar que Misael “Podia dar uma surra, um tiro, uma facada. Não fez nada disso: mudou de casa” (BANDEIRA, 1971, p. 115). Apesar de usar um moderador “podia dar” o sentido dialógico estabelecido pelos enunciados sugere o direito adquirido do homem a sua propriedade a mulher, podendo ele fazer o que fosse possível para defender sua honra.

Vale ressaltar que o Código Penal¹ vigente entre 1890 a 1940, em seu artigo 27 eximia o homem do ato criminoso se esse estivesse “em estado de completa privação de sentidos e de intelligencia no acto de commetter o crime”, ou seja, não era considerada criminosa a pessoa

¹ DECRETO N. 847 ? DE 11 DE OUTUBRO DE 1890. Promulga o Código Penal. Disponível em: <http://legis.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=66049>. Acesso em: 19 nov. 2015.

que cometesse o crime em estado emocional alterado. Esse trecho remete ao poema supracitado no qual o narrador termina o texto afirmando que Misael “privado de sentidos e de inteligência, matou-a com seis tiros, e a polícia foi encontrá-la caída em decúbito dorsal, vestida de organdi azul” (BANDEIRA, 1971, p. 115).

Outra inversão apresentada está na descrição do narrador à personagem Maria, que apesar de ser a traidora, não apresenta uma condenação por parte do narrador, remetendo a uma comparação com o sexo oposto, pois se fosse um homem no lugar de Maria ele seria considerado um “ganhão”, “Maria, pecadora de alma, corpo e vida, não se redimia dos erros” (TREVISAN, 2004, p. 39). A inversão abre a outras possibilidades de sentido, pois atribui a Maria características masculinas, e ao João, o marido, este, assume as características e as funções que são atribuídas às mulheres. Sendo ele, o marido, responsabilizado pelas atitudes de sua esposa, por ser “bom de mais” e submisso à vontade dela, mais uma vez o narrador joga com a inversão ideológica, sendo que na sociedade patriarcal o papel de submissão e de perdão as traições coube sempre à mulher, e estas muitas vezes ainda responsabilizadas pelo sucesso ou fracasso matrimonial.

Sendo o senhor meu marido um manso sem-vergonha, logo venho buscar as meninas que são do meu sangue, você bem sabe que do teu não é, não passa de um estranho para elas e caso não fique bonzinho eu revelarei o seu verdadeiro pai, não só a elas como a todos do Buraco do Tatu, digo isso para deixar de ser nojento correndo atrás da minha saia, só desprezo o que eu sinto, para mim o senhor não é nada (TREVISAN, 2004, p. 39).

Para atribuir um sentido verossímil, o narrador dá voz à personagem deixando-a desabafar e responsabilizando o marido por não ter tomado uma atitude, assumindo mais uma vez um papel que só era atribuído aos homens. Essa inversão de valores ideológicos que aparece no decorrer do conto e a crítica à sociedade patriarcal só é possível devido ao momento histórico vivido pelo escritor, ou seja, num momento, a partir da década de 1960, em que as mulheres conquistam espaços sociais e direitos que não eram permitidos a elas numa sociedade anterior.

A luta das mulheres por reconhecimento dos seus direitos teve grande repercussão na voz da feminista Simone de Beauvoir, no livro *O segundo sexo*, BEAUVOIR (1967) apresenta a diferença de criação do que ela chama dos dois sexos, e como essa criação

influencia e é influenciada pela sociedade, pois desde cedo à educação da mulher é voltada para demonstrar sua fragilidade e sua incapacidade de sobrevivência sem a presença da força superior o homem.

Tratam-na como uma boneca viva e recusam-lhe a liberdade; fecha-se assim um círculo vicioso, pois quanto menos exercer sua liberdade para compreender, apreender e descobrir o mundo que a cerca, menos encontrará nele recursos, menos ousará afirmar-se como sujeito; se a encorajassem a isso, ela poderia manifestar a mesma exuberância viva, a mesma curiosidade, o mesmo espírito de iniciativa, a mesma ousadia que um menino (BEAUVOIR, 1967, p. 22).

Apesar dos avanços e das conquistas das mulheres na sociedade atual, a visão patriarcal ainda está enraizada nessa sociedade no olhar machista que toma como propriedade o feminino.

A notícia que será abordada a seguir abre um diálogo com os textos anteriores, pois apresenta como a sociedade de hoje vê e trata o tema discutido em *Tragédia brasileira* (1933) com o crime passionai e *Senhor meu marido* (1969), a ironia e a inversão de papéis, sendo esse o que mais causa um estranhamento no leitor devido à troca de valores ideológicos representada pela voz feminina.

3.1 Uma arena discursiva na (des) construção do crime passionai: o texto jornalístico como campo de batalha

No gênero notícia, a função principal é informar o leitor sobre determinado fato, de maneira impessoal. No entanto, o que se percebe é que embora se busque apresentar uma impessoalidade no discurso jornalístico, isso não é possível, sendo que os fatos são narrados a partir da ótica do jornalista, e apresentam uma materialização discursiva a partir de diferentes vozes sociais, ou seja, para escrever a notícia, o jornalista lança mão de “empréstimos” de vozes e ou de discursos que ser dele ou não, e que deixa transparecer a imparcialidade discursiva, pois:

Os textos são dialógicos porque resultam do embate de muitas vozes sociais; podem, no entanto, produzir efeitos de polifonia, quando essas vozes ou algumas delas deixam-se escutar, ou de monofonia, quando o diálogo é mascarado e uma voz, apenas, faz-se ouvir (FIORIN, 2003. p. 06).

Seguindo esse conceito, o gênero notícia apresenta-se como um texto polifônico ao construir sua materialidade discursiva a partir de diferentes vozes, que são representadas já no início da notícia com o título “Acusado de assassinar Mércia, Mizael Bispo se entrega na Grande São Paulo”². Nesse texto, o enunciador se apodera de dois discursos, um jurídico ao apresentar que Mizael está sendo acusado e, portanto, ainda não foi comprovado seu crime, e outro policial, sendo a polícia o órgão responsável para com a investigação, e acusação.

Carlos Alberto Faraco (2009), ao discutir as ideias bakhtinianas, apresenta dois conceitos fundamentais que servirão para a análise, sendo o diálogo entendido como um espaço de luta entre as vozes sociais, de um lado aquelas que buscam impor certa centralização verboaxiológica por sobre o plurilinguismo real, (forças centrípetas) e aquelas que correm continuamente às tendências centralizadoras, tais como a paródia e o riso de qualquer natureza, a ironia, a polêmica explícita ou velada, a hibridização ou a reavaliação, a sobre posição de vozes etc. (forças centrífugas) (FARACO, 2009, p. 69-70).

Diante disso, percebe-se, a voz do jornalista “Mizael acusado de assassinar Mércia” e as vozes que marcam um discurso social que aparecem de forma velada, que não está dito nos enunciados, mas que estão significando a partir dos elementos discursivos, (“todo acusado é inocente até que se prove o contrário”). Essas leituras são possíveis pelo recurso linguístico construído pelo enunciador ao apresentar o sujeito por meio de um discurso indireto: “Mizael acusado de assassinar Mércia”, nesse caso, o enunciador se exime de responsabilidade ao apresentar a voz do outro.

² Notícia veiculada no site do Estado de São Paulo em fevereiro de 2012: Disponível em: <http://www.estadao.com.br/noticias/cidades.acusado-de-assassinar-mercia-mizael-bispo-se-entrega-na-grande-sao-paulo.840097.0.htm>. Acesso em: 20 mai. 2012.

[...] O fato é que há um já-dito que sustenta a possibilidade mesma de todo dizer, é fundamental para se compreender o funcionamento do discurso, a sua reação com os sujeitos e com a ideologia. A observação do interdiscurso nos permite, remeter o dizer da faixa a toda uma filiação de dizeres, a uma memória, e a identificá-lo em sua historicidade, em sua significância, mostrando seus compromissos políticos e ideológicos (ORLANDI, 2005, p. 32).

Ao analisar outros trechos da notícia, aparece ora como discurso de forma velada, ora aberta, demarcando o conceito do que está dito (“O advogado e ex-policial militar Mizael Bispo de Souza [...] Ele se apresentou no Fórum de Guarulhos, na Grande São Paulo, nesta tarde, diretamente ao juiz Leandro Cano”). O não dito possibilita algumas hipóteses, pressupõe que um ex-policial, e advogado, seja uma pessoa que conheça as leis, possivelmente dominem também a forma de burlá-las, como afirma Bakhtin/Volochínov (2010) as palavras estão carregadas de sentido ideológico, assim,

na realidade, não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis, etc. A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de sentido ideológico ou vivencial. É assim que compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ou concernentes à vida (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2010, p. 98, 99).

As leituras apresentadas são confirmadas pela voz do advogado de Mizael, Samir Haddad Jr., ao afirmar que “o cliente aguardava os julgamentos dos recursos de *habeas corpus* para se entregar e que agora irá pedir a prisão domiciliar para o cliente.” O advogado utiliza-se de um discurso jurídico, e socialmente valorizado para convencer o leitor da prerrogativa de inocência do acusado, pois para o advogado “Ele é acusado de um crime que nega, não tem ficha ou passagem policial”, portanto “É um cidadão de bem”. As hipóteses também são confirmadas na voz do promotor Rodrigo Merli: “o fato de Mizael se entregar não foi uma apresentação tão espontânea assim, e mais [...] “querem ganhar confiança do Supremo Tribunal Federal e do público, dando a impressão que é bonzinho”. A disputa dialógica entre as vozes sociais materializadas nos discursos dos diferentes sujeitos demarcam suas posições ideológicas.

Os discursos materializados na voz do advogado de defesa representam ainda uma visão ideológica patriarcal que ainda está enraizada na sociedade atual, pois o discurso jurídico tenta inocentar o acusado “Mizael” colocando o como vítima “Ele é acusado de um

crime que nega, não tem ficha ou passagem policial”, “É um cidadão de bem”, a voz do advogado se sobrepõe as vozes das mulheres que sofrem maus tratos e desrespeito todos os dias. O texto abordado apresenta um caso de desrespeito e de impunidade marcado pelo jogo de poder. Se na sociedade dos séculos XIX e XX, o homem ficava imune de acusação ao cometer um crime em defesa da honra, como se observou no texto *Tragédia brasileira*, no século XXI, a impunidade é mascarada pela relação de poder e pela protelação do crime.

Segundo Bakhtin/Volochinov (2010, p. 66) defende: “(...) cada palavra se apresenta como uma arena em miniatura onde se entrecruzam e lutam os valores sociais de orientação contraditória. A palavra revela-se, no momento de sua expressão, como produto de relação viva das forças sociais”.

Perceber esses discursos e fazer com que o leitor compreenda que a linguagem é um material dialógico e dinâmico, e por isso, capaz de estabelecer diferentes sentidos de leitura, possibilitando-os a uma compreensão crítica do que está e do que não está enunciado, mas que emana significado nos discursos que são materializados nos diversos gêneros textuais.

O dito e não dito entre a realidade e a ficção muitas vezes se mesclam, pois os textos literários têm como objetivo problematizar o tema ficcional por meio do discurso irônico, fazendo com que o leitor desconfie do discurso “não dito” ou “velado” presente no conjunto da fábula ficcional. O bem e o mal passam a ser lido com muitas ressalvas, tendo como base o discurso irônico. Ou seja, a ficção possibilita aproximar o leitor da realidade proporcionando uma nova tomada de atitude entre o “bem” e o “mal”.

No entanto, ao ler a matéria jornalística, supracitada, percebe-se uma estratégia contrária, pois não se pretende aproximar o seus possíveis leitores da realidade (o assassinato de uma mulher) e sim jogar com o imaginário patriarcal reafirmando a superioridade do masculino sobre o feminino. Nesta nova leitura, instaura-se a dúvida reafirmando os valores de “Mizael” policial e advogado, logo “um homem do bem” em detrimento de “Mércia”, uma mulher que foi silenciada com a morte. Em 2013, Mizael foi condenado, por um júri popular, a 20 anos de prisão pelo assassinato de Mércia Nakashima. Infelizmente, o silêncio e a impunidade prevalecem, pois segundo a ONU(2016) “No Brasil, a taxa de feminicídios é de 4,8 para 100 mil mulheres – a quinta maior no mundo” o mapa da violência estima que morrem aproximadamente 10 mulheres todos os dias no Brasil. Apesar de existirem leis de proteção, ainda predomina uma cultura historicamente construída baseada no patriarcalismo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No percurso histórico a linguagem esteve presente em todas as relações humanas, por ser ela constituinte dos discursos sociais, políticos e ideológicos. O desenvolvimento humano está entrelaçado com o desenvolvimento da linguagem, e é nas relações históricas – sociais e ideológicas que o homem se constitui enquanto sujeito histórico. Compreender esse processo é essencial para entender que o ensino de leitura deve se pautar nesse material dialógico e dinâmico que é a linguagem, pois como já foi afirmado é nas relações concretas com a língua que ocorre a aprendizagem.

Os textos abordados, apesar de apresentarem a mesma temática, diferem quanto aos sentidos estabelecidos. Isso acontece, pois os textos fazem parte de momentos históricos distintos, e, sendo assim, possibilita diferentes leituras que só são possíveis a partir das análises das condições de produção e das formações discursivas presentes nos enunciados, sendo eles fundamentais para a compreensão global do texto.

Os enunciados materializados nos textos, bem como os recursos linguísticos apresentados nos diversos discursos representam a visão ideológica vigente em cada sociedade. Nesse sentido, desenvolver trabalhos de análises a partir do sociointeracionismo e da perspectiva discursiva de leitura é fundamental para uma consolidação do ensino de leitura para os alunos, pois é no meio social e nas experiências com a linguagem que o homem revê seus comportamentos e se desenvolve como afirma BAKHTIN/VOLOCHÍNOV (2010, p. 128) “A língua vive e evolui historicamente na *comunicação verbal concreta, não no sistema linguístico abstrato das formas da língua nem no psiquismo individual dos falantes*” (grifos do autor).

Partindo desse pressuposto de que a língua se constrói no processo histórico e é materializado nos textos utilizando-se dos recursos linguísticos concretos, o ensino de leitura deve se pautar buscando a ruptura e a continuidade, pois é nesse processo que se constrói o conhecimento, sendo que os sujeitos se desenvolvem no e pelo coletivo e é nas relações históricas com a linguagem que o conhecimento se materializa.

Nesse sentido, propor uma leitura que perpassa a materialidade discursiva e a historicidade na qual o texto foi elaborado é fornecer aos alunos condições para que produzam

sentidos e desenvolvam uma leitura crítica, contribuindo para sua formação enquanto sujeito constituído em um momento histórico, capaz de analisar criticamente os discursos que são materializados nos diversos gêneros textuais como foram aplicados nos textos poético, narrativo e informativo realizado nesse trabalho.

Portanto, os leitores, sujeitos que produzem conhecimento e que, possuem uma historicidade que deve ser polida, no sentido de proporcionar-lhes condições para compreender o processo que é dialógico da leitura, compreendendo que a palavra não é neutra, que o discurso é ideológico e carregado de vozes sociais, pois segundo Bakhtin/Volochínov (2010, p. 67) “[...] A palavra revela-se, no momento de sua expressão, como produto da interação viva das forças sociais”. Diante disso, ler um texto criticamente constitui-se como um ato de cidadania capaz de evidenciar as injustiças sociais e superar o não dito, reafirmando os direitos humanos por meio de uma leitura crítica.

5 REFERÊNCIAS

ANDRADE, C. D. A Noite Dissolve os Homens. In: **Sentimento do mundo**. 1a ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

BAKHTIN, M. **Questões de literatura e de estética**: a teoria do romance. Tradução de: BERNARDINI, A. [et al]. São Paulo: UNESP, HUCITEC, 1988.

_____. (VOLOCHÍNOV, V. N.). **Marxismo e filosofia da linguagem**. 14ª. ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

BANDEIRA, M. **Seleta em Prosa e Verso**. Organização, estudos, e notas: MORAES, E. Coleção Brasil Môço vol. Nº 2. Rio de Janeiro: José Olympio, 1971.

BARROS, D. P.; FIORIN, J. L. (orgs.). **Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade**: em torno de Bakhtin. São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo, 2003.

BEAUVOIR, S. de. **O segundo sexo** – fatos e mitos. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Tradução Maria Helena. 11º ed. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 2012.

BRASIL. **Decreto n. 847 de 11 de outubro de 1890**. Senado Federal. Secretaria de Informação Legislativa. Disponível em:

<http://legis.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=66049>. Acesso em: 19/11/2015.

CORACINI, M. J. (Org). **Concepções de leitura na (pós)-modernidade**. In: Lima, R. C. C. P. (Org). **Leituras: múltiplos olhares**. Campinas, SP: Mercado de Letras, S. J. da Boa Vista, SP: Unifeob, 2005.

DELL'ISOLA, R. L. P. **A interação sujeito-linguagem em leitura**. In: MAGALHÃES, I. (org.). **As múltiplas faces da linguagem**. Brasília: UNB, 1996.

FARACO, C. A. **Linguagem & diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin**. São Paulo: Parábola, 2009.

ESTADÃO, Jornal. **Acusado de assassinar Mércia, Mizael Bispo se entrega na Grande São Paulo**. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/cidades,acusado-de-assassinar-mercia-mizael-bispo-se-entrega-na-grande-sao-paulo,840097,0.htm>> Acesso em: 05 mai. 2012.

KLEIMAN, A. **Texto e leitor: Aspectos cognitivos da leitura**. 11ª ed. Campinas, S.P: Pontes, 2008.

INSTITUTO PRO LIVRO. **4ª edição da Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil**.

Disponível em:

<http://prolivro.org.br/home/images/2016/Pesquisa_Retratos_da_Leitura_no_Brasil_-_2015.pdf> Acesso: 03 fev. 2017.

ORLANDI, E. P. **Discurso e leitura**. 8 ed. São Paulo: Cortez, 2008.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **Diretrizes Curriculares da Educação Básica Língua Portuguesa: 2008**. Disponível em:

<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/diaadia/diaadia/arquivos/File/diretrizes_2009/out_2009/lingua_portugues>. Acesso em: 04 mar. 2011.

PINTO, Á. V. **Sete lições sobre educação de adultos**. 14 ed. São Paulo: Cortez, 2005.

NAÇÕES UNIDAS BRASIL. **ONU: Taxa de feminicídios no Brasil é quinta maior do mundo; diretrizes nacionais buscam solução**. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/onu-femicidio-brasil-quinto-maior-mundo-diretrizes-nacionais-buscam-solucao/>>. Acesso: 05 abr.2017.

SOLÉ, I. **Estratégias de Leitura**. Trad. Cláudia Schilling. 6ª ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

TREVISAN, D. **Em busca de Curitiba perdida**. 9º ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.